

1. Introdução

À medida que sua mão ia se enterrando até acima do pulso, de modo a obrigá-lo a arregaçar um pouco a manga, seus olhos perderam a intensidade, ou antes: o fundo de pensamento e experiência que dá uma inescrutável profundidade aos olhos das pessoas adultas desapareceu deixando apenas a clara e transparente superfície que se nota nos olhos das crianças onde nada transparece senão pasmo. Sem dúvida o ato de escavar a areia tinha alguma coisa a ver com aquilo. Ele se lembrou que, depois de se cavar um pouco, a água flui em redor das pontas dos dedos; o buraco se transforma num poço, numa fonte, num canal secreto para o mar

Virginia Woolf

A expressão *tempos sombrios* é uma imagem, paisagem de muitos significados. Aparece inicialmente em um poema de Bertolt Brecht e renasce no pensamento de Hannah Arendt, não apenas em seu livro *Homens em tempos sombrios*, mas na composição de suas idéias a respeito do mundo. É uma expressão correlata à outra imagem, menos frequente em sua obra, porém tão forte quanto: *expansão do deserto*. Ambas apontam para a crescente ameaça de que “o nada e o ninguém” venham a “destruir o mundo”,¹ pois as sombras e as tempestades de areia - movimentos totalitários e o crescente refúgio do homem na subjetividade individual - colocam em risco a possibilidade de as pessoas distinguirem-se umas das outras em atos e palavras e enfraquecem a capacidade humana de julgar. A ausência de lugar para essas atividades, assim como a dificuldade de enxergá-las, decorre da diluição do âmbito público que requer que haja ao invés do nada, “tudo que há entre nós”², ao invés de ninguém, alguém.

Se Nietzsche foi quem primeiro diagnosticou a desertificação do mundo - “o deserto cresce: ai daquele que encobre desertos!” - , quem primeiro habitou o

¹ A promessa da política, p.269.

² A promessa da política, p.266.

deserto com consciência, foi também “a vítima de sua mais terrível ilusão”³, ao acreditar que o deserto estava em nós. A última esperança dos homens está em não se adaptarem ao deserto, pois, embora ele tenha se tornado nosso solo comum, “não somos do deserto”⁴, somos mortais em um mundo potencialmente imortal que é também produto de nosso *amor mundi*. Por isso, não somos naturalmente seres bem ajustados às condições de não-mundo. Há um sofrimento decorrente dessa desertificação – que na atualidade ganhou nomes difusos como vazio, desorientação, depressão, pânico – e ele é precioso para resistirmos a habitar apenas os oásis, as esferas da vida que independem do mundo compartilhado. Nesse sentido devemos até cultivá-lo para compreender o deserto e não apenas a nós mesmos, pois se como afirma Benjamin “há esperança, mas não para nós” é porque antes de buscarmos a salvação interna e individual, devemos nos dar conta de que o mundo está em perigo:

É verdade que nas mãos dos movimentos totalitários ou das adaptações da psicologia moderna nós sofremos menos: perdemos a faculdade de sofrer e com ela a virtude da resistência. Só quem é capaz de padecer a paixão de viver sob as condições do deserto pode reunir em si mesmo a coragem que está na base da ação, a coragem de se tornar um ser ativo.⁵

Não há psicanálise nem remédio que possam nos tirar o sofrimento proveniente da desertificação do mundo; o que podem nos dar são oásis, “fontes vitais que nos permitem viver no deserto sem nos reconciliarmos com ele”⁶. Se sofremos por essas condições é porque ainda somos humanos: o perigo maior seria estarmos à vontade no deserto “e nele passarmos a nos sentir em casa”⁷. De forma análoga, não podemos escapar dos tempos sombrios, mas podemos resistir à plena adaptação a eles. No pensamento de Hannah Arendt essa resistência esteve sempre ancorada em certo desconforto diante da realidade do mundo e de seus acontecimentos. Por isso, ao longo de toda sua obra, manteve-se ocupada com a *tarefa* compreensiva. Dedicou-se à apreciação do evento totalitário, construiu uma fenomenologia da *vita activa*, abordou assuntos pontuais como as crises na cultura e na educação, discutiu conceitos como os de liberdade,

³ A promessa da política, p.266.

⁴ A promessa da política, p.266.

⁵ A promessa da política, p. 267.

⁶ A promessa da política, p.268.

⁷ A promessa da política, p.267.

autoridade e História, deteve-se sobre o tema do pensamento, da vontade e do juízo, questionou a política, as revoluções e a violência, narrou e discutiu o julgamento de Eichmann e escreveu um livro de pequenas biografias intitulado *Homens em tempos sombrios*. Nele contou histórias e apresentou retratos de homens e mulheres, acolhendo a novidade que cada um deles trouxe ao mundo, sem submeter suas ações a um condicionamento de época ou a qualquer lei histórica.

As sombras de nosso tempo também colocam à prova o exercício permanente de compreender os acontecimentos e com isso resistir à “realidade qualquer que seja”⁸. Nessa medida, se inicialmente foram os regimes totalitários que convocaram Hannah Arendt a acompanhar a “corrente subterrânea da história ocidental”,⁹ foi o espanto diante de um mundo onde tais fatos tornaram-se possíveis que a manteve distante de interpretações estereotipadas que determinavam como causas das barbáries de sua época atitudes pessoais de líderes demoníacos ou identidades nacionais pervertidas. Para compreender era preciso discernir, recomeçar.

Esta tese, em seu primeiro capítulo, pretende acompanhar o esforço compreensivo de Hannah Arendt, a necessidade de salvar definições como as da autoridade e da ação humana de um fluxo contínuo “em que todas as categorias podem se transformar em quaisquer outras, tornando obsoleta a própria necessidade de efetuar distinções”.¹⁰

No segundo capítulo, procuramos acompanhar a importância que Hannah Arendt atribui ao aspecto fenomenológico do mundo, ao fato de que nele os homens aparecem não apenas objetivamente, mas de maneira atmosférica. Com isso queremos dizer que a própria autora confere existência visível ao que uma visão descuidada ou “profana” poderia crer invisível, levando nossos olhares “para além dos dados visuais” e, com isso, dando “acesso a uma textura do Ser”.¹¹ Aqui entram em cena as noções de revelação do *quem* e da “faculdade

⁸ Hannah Arendt, *Origens do totalitarismo* (São Paulo, Companhia das Letras, 1989), p.12

⁹ Hannah Arendt, *Origens do totalitarismo*, p.13.

¹⁰ André Duarte, *O pensamento à sombra da ruptura*, p.258.

¹¹ Merleau-Ponty *O olho e o espírito*, p.20.

mimética”¹², colocadas em prática por Hannah Arendt nos ensaios biográficos de seu livro *Homens em tempos sombrios*¹³.

No terceiro e último capítulo acompanhamos nessas biografias como Hannah Arendt construiu um modo de abordar os acontecimentos e as ações humanas diferente daquele que vicejou em toda a tradição de pensamento; buscando iluminar de que maneira, após experimentar o fim dessa tradição, foi preciso, para compreender, olhar o mundo a partir de vidas particulares que nele entraram e dele saíram, deixando mais do que suas obras como legado. Está em jogo, nesse capítulo, o estilo do texto arendtiano que incorpora imagens para apresentar retratos ou perfis das pessoas a quem dedicou os ensaios.

O mundo contemporâneo não se ilumina a não ser por certos clarões que, se não forem narrados, podem passar despercebidos. Cada homem quando nasce traz a possibilidade de, ao entrar e sair do mundo, ou entrar e sair do tempo, tornar-se imortal permanecendo, após a morte, no mundo dos mortais. Os textos biográficos de Hannah Arendt levam-nos a questionar em que medida, ao lidar com a fugacidade das ações humanas, a autora precisou ir além de uma abordagem conceitual e teleológica dos fatos e na própria escrita trouxe em sopro o extraordinário. As imagens dos tempos sombrios mostram que no limite das “velhas verdades” é chegado o momento de contar histórias e indicam que, para contar histórias, foi preciso acompanhar o próprio modo de ser daqueles de quem Hannah Arendt falou, ou seja, sua passagem no mundo, e incorporar a transitividade de suas vidas à narrativa.

¹² Walter Benjamin, A doutrina das semelhanças, p.109.

¹³ Acrescentamos à coletânea editada pela Companhia das Letras mais dois ensaios. Um que faz parte da edição americana original de *Men in dark times* e que traduzi para o português (em anexo), e outro que aparece no livro *Correspondence 1926 – 1969*. A partir de então ao nos referirmos a *Homens em tempos sombrios* estamos considerando o conjunto que inclui todos esses textos.

Observações concernentes à tradução de *A condição humana*

Esta tese foi escrita ao longo do meu curso de doutorado que teve início em janeiro de 2006. Antes dela, concluí minha dissertação de mestrado na mesma instituição (PUC-Rio) com o mesmo orientador, o Professor Eduardo Jardim. Iniciei meus estudos da obra de Hannah Arendt com ele quando ainda estava na graduação do curso de Psicologia. Durante todos esses anos a tradução que tomei como referência de *A condição humana*, talvez o principal livro da autora, foi a de sua oitava edição, de 1997, editora Forense Universitária. Sem dúvida, é uma tradução imperfeita, com algumas falhas importantes. Recentemente, em 2010, essa mesma obra foi reeditada, com nova revisão técnica. Dentre algumas alterações ela apresenta uma modificação drástica: a substituição do termo *labor* (*labor* em inglês), por *trabalho* e do termo *trabalho* (*work* em inglês) por *obra*.

A parte central do livro cuida justamente da distinção fenomenológica das três *atividades* da vida ativa (*vita activa*). Em todas as edições anteriores, inclusive na que me baseei, tais atividades eram traduzidas como labor, trabalho e ação. Na nova edição são traduzidas como trabalho, obra e ação. Vejo isso como um problema e dou a seguir meus motivos para manter a nomenclatura da antiga tradução na presente tese.

Começamos pela primeira frase do primeiro capítulo que no original diz: “With the term *vita activa*, I propose to designate three fundamental human activities: labor, work, and action.”¹⁴ Na nova edição lê-se: “Com a expressão *vita activa*, pretendo designar três atividades humanas fundamentais: trabalho, obra e ação”¹⁵ Ora, se são três *atividades* a serem designadas, então, logo de início nos deparamos com um problema: obra não é uma atividade, é um produto. A vida ativa não pode ter como atividade uma obra.

A cada uma das atividades do homem no mundo fenomênico, labor, trabalho e ação, corresponde uma condição humana, respectivamente: a vida, a mundanidade e a pluralidade. Mais uma vez a nova tradução cria problemas para

¹⁴ The human condition, p.7.

¹⁵ A condição humana, p.8.

o leitor. Fazemos uma comparação entre as duas traduções para o português em relação ao original que diz:

- Labor assures not only individual survival, but the life of the species. Work and it's product, the human artifact, etc.

Na tradução das primeiras edições está escrito:

- O labor assegura não apenas a sobrevivência do indivíduo, mas a vida da espécie. O trabalho e seu produto, o artefato humano, etc.

Na tradução da nova edição lemos:

- O trabalho assegura não apenas a sobrevivência do indivíduo, mas a vida da espécie. A obra e seu produto, o artefato humano, etc.

Qual é o produto da obra? Obra é produto, não produz artefatos, pode produzir efeitos, sensações; provocar pensamentos, vontades, julgamentos, mas não artefatos. A não ser que seja uma máquina que produz um objeto, o que não é o caso, já que Hannah Arendt refere-se a uma atividade humana.

Entretanto, o mais importante ponto a ser destacado incide diretamente na caracterização singular das três atividades, questão central do livro. Hannah Arendt afirma que a distinção entre *labor* e *trabalho* (*labor* e *work*) parece inusitada justamente porque ao longo da tradição política ocidental muitas vezes falou-se de *labor* (labor em inglês) como se fosse de *trabalho* (work). Portanto, a partir da distinção entre esses termos poderíamos compreender características do mundo moderno que até então permaneceram incompreendidas.

A tradução de *labor* (em inglês) por *labor* (em português) está apoiada no eloqüente e obstinado testemunho das línguas que empregam duas palavras de etimologia diferente (labor e trabalho em português) para designar o que ainda hoje, para nós, parece ser uma mesma atividade. Entretanto, é a própria Hannah Arendt quem observa que enquanto a palavra trabalho é, a um só tempo, a atividade e também sinônimo do resultado dessa atividade, ou seja, designa não apenas a ação de trabalhar, mas também a obra que esse trabalhar produz (o trabalho de um artista, o trabalho final do processo fabricante), o substantivo *labor* nunca indica seu produto resultante, que conceitualmente não existe mesmo, e, por isso, “permanece como um substantivo verbal”¹⁶. Portanto, se

¹⁶ *A condição Humana*, p.91

empregarmos a palavra trabalho no lugar de labor, perderemos essa qualidade de permanência que as antigas edições de *A condição humana* garantiram e que é de fundamental importância para compreendermos o pensamento arendtiano.

Se as teorias da História interpretavam os acontecimentos como etapas de um processo fabricador que teria um objetivo final a ser alcançado, um *telos*, é porque na era moderna prevaleceu a mentalidade do *homo-faber*. Com o advento do totalitarismo fica claro para Hannah Arendt que a dimensão finalista se perde e a história não é mais orientada por um critério teleológico, perde a finalidade e passa a ser como o labor, um movimento sem fim. Aqui prevalece a mentalidade do *animal-laborans*.

Na nova edição o *animal-laborans* trabalha e o *homo-faber* faz obra, ou obra. O *labor* é uma atividade essencialmente vinculada à natureza, ao ciclo vital que está sempre em funcionamento, nunca termina (só com a morte), assim como seu sinônimo laborar cuja acepção no dicionário Aurélio diz: “entrar em função, funcionar” e ainda “labutar, amanho, cultivar”¹⁷. É um privilégio para a compreensão do pensamento de Hannah Arendt que a língua portuguesa faça distinção um pouco mais nítida entre labor e trabalho, e, sobretudo, que nunca designe com uma única palavra o produto final do labor, assim como ocorre no inglês.

Se como afirma o revisor técnico: “A intervenção no texto de *A condição humana* (...) excedeu o âmbito da revisão técnica”,¹⁸ então o livro talvez devesse ser publicado como uma nova tradução da obra de Hannah Arendt e não apenas como mais uma edição do livro.

Fora o fato de que há ainda livros da própria Hannah Arendt em português que mantêm a tradução de *labor* (em inglês) por *labor* e de *work* por *trabalho*, seria ainda preciso lembrar que muitos livros e teses escritas em português antes de 2010 seguem a versão das primeiras edições. Esses trabalhos são fontes importantes para aqueles que estudam a obra da autora. A referida mudança na tradução irá trazer complicações para o leitor que procurar nessas fontes um auxílio para compreender o pensamento arendtiano, especialmente porque o que era *trabalho* virou *labor*, mantendo-se assim no livro os mesmos significantes das edições anteriores, apenas trocando seu significado. Tudo isso seria justificado se

¹⁷ Dicionário Aurélio, p.818

¹⁸ *A condição Humana*, V.

a opção pela nova nomenclatura fosse mais fiel ao pensamento de Hannah Arendt, o que não se constata.